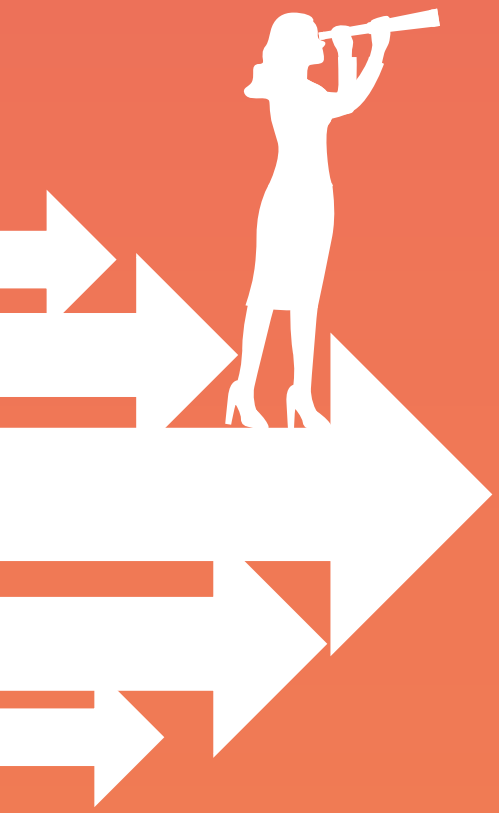


Bruno Ottoni

Especialista sênior da FGV Projetos. Professor da Uerj



Mais mulheres no mercado de trabalho: parcela de mulheres na população ocupada nunca foi tão grande

São mais de 44 milhões de mulheres empregadas no primeiro trimestre de 2025

Historicamente, as mulheres representam uma parcela menor da população ocupada em comparação aos homens. Esse cenário vem mudando rapidamente. No primeiro trimestre de 2025, o mercado de trabalho brasileiro registrou um número recorde de mulheres ocupadas. Os dados indicam que o elevado nível de atividade econômica tem contribuído para essa transformação, em conjunto com o crescimento acelerado da população em idade ativa. Além disso, fatores socioeconômicos também podem ajudar a explicar esse fenômeno. O presente texto analisa essa transformação, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) trimestral, produzida pelo IBGE.

A figura 1 mostra a trajetória da população ocupada (PO), e a proporção de mulheres na população ocupada, em cada primeiro trimestre entre 2012 e 2025. Na referida figura pode-se ver que, no primeiro trimestre de 2025, a PO chegou a 102,4 milhões de pessoas, recorde histórico que acompanha a sequência de quedas registradas recentemente na taxa de desemprego. Além do baixo desemprego, a alta na PO é um reflexo do ápice do bônus demográfico, que foi atingido em 2020, sendo responsável pelo crescimento da população em idade ativa (PIA) — pessoas entre 15 e 64 anos —, que ultrapassou os 151 milhões no primeiro trimestre de 2025. O fenômeno representa um momento único para a economia do país, uma vez que há uma parcela menor de indivíduos dependentes (crianças e idosos) em comparação à força de trabalho potencial.

Além disso, a parcela de mulheres na população ocupada nunca foi tão grande. No primeiro trimestre de 2025, 43% da PO era composta por mulheres (isso representa cerca de

44 milhões de mulheres ocupadas), maior valor registrado na série histórica. Parte desse movimento pode ser explicada pela elevação da atividade econômica. À medida que a demanda por trabalhadores aumenta, as mulheres tendem a conquistar mais espaço no mercado.

A figura 2 ajuda a ilustrar como o mercado de trabalho brasileiro está aquecido. Ela mostra a trajetória da taxa de desemprego entre 2012 e 2025, focando apenas nos primeiros trimestres. Nela é possível ver que, agora no primeiro trimestre de 2025, o desemprego foi de 7%, o menor valor de toda a série. Além do mercado de trabalho aquecido, outros fatores, como maior escolaridade e mortalidade mais baixa, também podem ajudar a explicar o aumento da parcela de mulheres na PO. Por um lado, a mulher ocupada possui em média 1,2 ano de estudo a mais que o homem. Por outro lado, a menor taxa de mortalidade das mulheres faz com que elas sejam mais presentes na população em idade ativa (no primeiro trimestre de 2025, 51% da PIA era formada por mulheres).

A tabela 1 detalha a composição da população ocupada, para cada gênero, no primeiro trimestre de 2025. A referida tabela apresenta recortes de cor de pele, faixa etária, escolaridade e renda. Nela pode-se ver que há uma parcela menor de negros na população ocupada feminina do que na masculina (53,9%, contra 57%), o que pode refletir uma maior barreira à entrada da mulher negra no mercado de trabalho.

Figura 1: Trajetória da população ocupada total e a parcela de mulheres empregadas entre 2012 e 2025

(primeiro trimestre de cada ano)

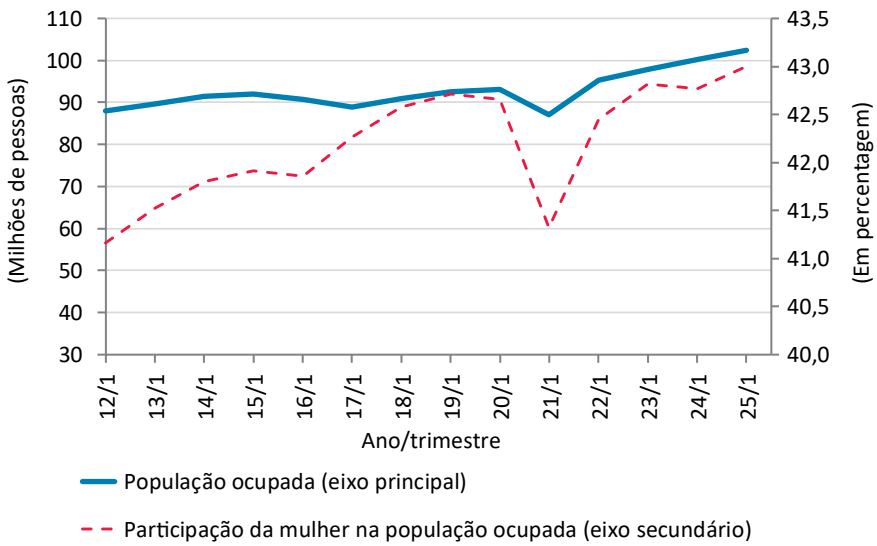
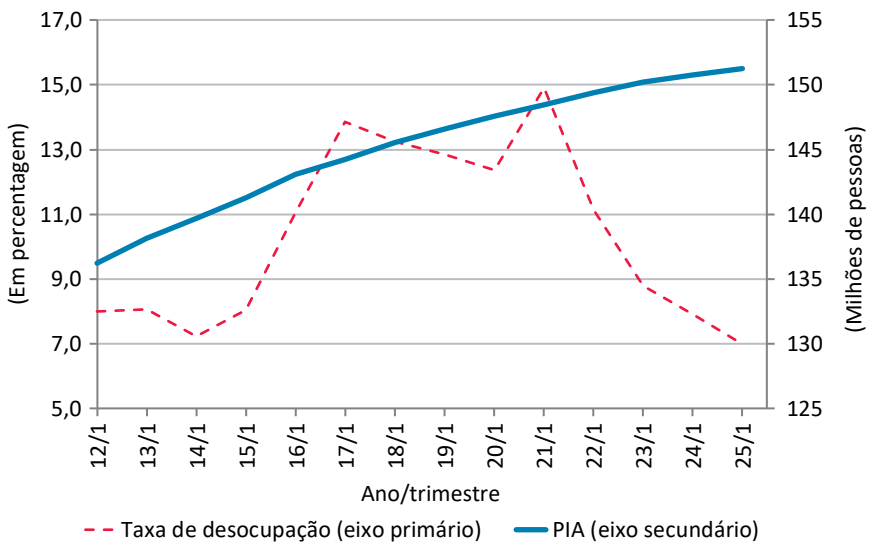


Figura 2: Evolução da taxa de desocupação e da população em idade ativa entre 2012 e 2025

(primeiro trimestre de cada ano)



Fonte: PNAD Contínua Trimestral – IBGE. Elaboração: própria.

Ainda assim, os segmentos de idade sugerem que a mulher tende a entrar no mercado de trabalho mais tarde do que o homem. Há uma proporção maior de pessoas com 25 a 64 anos na PO feminina (83,5%) do que na PO masculina (81,9%). Esse dado é compatível com o nível mais elevado de escolaridade das mulheres: 38,5% das ocupadas possuem ensino superior completo ou mais, enquanto, entre os homens, esse índice é de apenas 25,4%.

Apesar da qualificação mais elevada, as mulheres concentram-se nas faixas de menor renda: mais de um terço (38,5%) das mulheres ocupadas recebem um salário mínimo (SM) ou menos, enquanto entre os homens essa proporção é de 29,3%. O resultado reforça a persistente disparidade salarial entre homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro.

Em resumo, a participação da mulher na população ocupada tem crescido significativamente. Esse movimento parece estar sendo influenciado por uma sequência de recordes históricos, entre eles, o baixo desemprego e a alta na população em idade ativa. Além disso, fatores socioeconômicos, como maior escolaridade e menor mortalidade entre mulheres também podem corroborar para o aumento da participação delas na PO. Apesar disso, vimos que, embora as mulheres ocupadas sejam mais escolarizadas que os homens, elas ainda recebem salários menores. Esses dados mostram que o mercado de trabalho brasileiro segue apresentando desigualdades estruturais que não foram superadas.

Bruno Ottoni escreve a cada bimestre.

Tabela 1: Perfil das mulheres ocupadas

Categoria	Mulheres		Homens	
	PO	%	PO	%
Total	**44.067.143**		**58.415.701**	
Cor de pele				
Brancas	19.811.536	45,0	24.451.077	41,9
Negras (pretos ou pardos)	23.737.776	53,9	33.308.265	57,0
Demais	517.831	1,2	656.359	1,1
Escolaridade				
Médio incompleto ou menos	10.311.175	23,4	21.164.672	36,2
Médio completo	16.782.698	38,1	22.434.799	38,4
Superior completo ou mais	16.973.270	38,5	14.816.230	25,4
Faixa etária				
24 anos ou menos	5.926.384	13,4	8.115.676	13,9
25 a 64 anos	36.814.711	83,5	47.843.998	81,9
65 anos ou mais	1.326.048	3,0	2.456.027	4,2
Renda				
1 SM ou menos	16.804.135	38,1	16.993.776	29,1
1 a 2 SM	16.089.931	36,5	23.158.588	39,6
2 a 5 SM	7.515.691	17,1	12.310.665	21,1
5 a 10 SM	2.183.983	5,0	3.984.033	6,8
10 SM ou mais	1.473.402	3,3	1.968.639	3,4

Fonte: PNAD Contínua Trimestral – IBGE (primeiro trimestre de 2025). Elaboração: própria.